



I SEMINÁRIO

[arq.con.br]

ARQUITETURAS
CONTEMPORÂNEAS
NO BRASIL

FRONTEIRAS
HÍBRIDAS

FORTALEZA | 1 - 4 ABRIL | 2025

Hospital Veterinário Escola da UniLeão | Juazeiro do Norte | CE
Lins Arquitetos Associados
Foto Joana França

COMPLEXIDADE E LINGUAGENS ARQUITETÔNICAS NO SÉCULO XXI

COMPLEXITY AND ARCHITECTURAL LANGUAGES IN THE 21ST CENTURY

COMPLEJIDAD Y LENGUAJES ARQUITECTÓNICOS EN EL SIGLO XXI

SEM FRONTEIRAS

CARVALHO, Lorena Petrovich Pereira de

Doutoranda; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU – UFRN)
petrovichlorena@gmail.com

COMPLEXIDADE E LINGUAGENS ARQUITETÔNICAS NO SÉCULO XXI

RESUMO

Atenta ao aspecto das linguagens que caracterizaram a produção arquitetônica em diferentes momentos, esta pesquisa partiu da percepção da diversidade de atributos empregados nas obras concebidas nesse início de século, e foi pautada pelas seguintes questões: Existe linguagem arquitetônica predominante no mundo globalizado?; Qual é a base que a sustenta? Para respondê-las, verificou-se a repetição de padrões na arquitetura contemporânea, bem como distinguiu-se a diversidade dos padrões identificados, a fim de categorizar e caracterizar as linguagens arquitetônicas no século XXI. Foram analisados os portfólios de 37 escritórios de arquitetura com recente expressividade internacional, dos quais filtrou-se a produção compreendida entre 2001 e 2018. Os projetos foram agrupados por aproximação conceitual e estética e, posteriormente, procedeu-se com a descrição das características comuns a cada grupo. A discussão das 07 tendências estéticas contemporâneas prezou por esclarecer como a *complexidade* – característica dominante desta produção – é integrada em cada caso.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura contemporânea. linguagens arquitetônicas. complexidade. tendências estéticas.

ABSTRACT

Attentive to the aspect of the languages that characterized architectural production at different times, this research started from the perception of the diversity of attributes used in the works conceived at the beginning of this century, and was guided by the following questions: Is there a predominant architectural language in the globalized world?; What is the basis that sustains it? To answer these questions, the repetition of patterns in contemporary architecture was verified, as well as the diversity of the identified patterns was distinguished, in order to categorize and characterize the architectural languages in the 21st century. The portfolios of 37 architecture firms with recent international expression were analyzed, from which the production between 2001 and 2018 was filtered. The projects were grouped by conceptual and aesthetic approach and, subsequently, the characteristics common to each group were described. The discussion of the 07 contemporary aesthetic trends aimed to clarify how complexity – the dominant characteristic of this production – is integrated in each case.

KEYWORDS: contemporary architecture. architectural languages. complexity. aesthetic trends.

RESUMEN

Atenta al aspecto de los lenguajes que caracterizaron la producción arquitectónica en las distintas épocas, esta investigación partió de la percepción de la diversidad de atributos utilizados en las obras diseñadas a principios de siglo, y se guió por las siguientes preguntas: ¿Es ¿Existe un lenguaje arquitectónico predominante en el mundo globalizado? ¿Cuál es la base que lo sustenta? Para responderlas se constató la repetición de patrones en la arquitectura contemporánea, así como se distinguió la diversidad de patrones identificados, con el fin de categorizar y caracterizar los lenguajes arquitectónicos en el siglo XXI. Se analizaron los portafolios de 37 estudios de arquitectura con expresión internacional reciente, de los cuales se filtró la producción entre 2001 y 2018, se agruparon los proyectos por enfoque conceptual y estético y, posteriormente, las características comunes de cada grupo. La discusión de las 07 corrientes estéticas contemporáneas buscó esclarecer cómo se integra en cada caso la complejidad, característica dominante de esta producción.

PALABRAS-CLAVE: arquitectura contemporánea. lenguajes arquitectónicos. complejidad. tendencias estéticas.

INTRODUÇÃO¹

A teoria da arquitetura leva os apreciadores a reconhecerem símbolos e atributos dos edifícios, refletindo o contexto e as ideias de sua época. Com o tempo, é possível uma apreciação mais holística dos eventos históricos, mas ao analisar o presente ou o passado recente, lida-se com mais incertezas. Atenta ao aspecto das linguagens que caracterizaram a produção arquitetônica em diferentes momentos, esta pesquisa partiu da percepção da diversidade de atributos empregados nas obras concebidas nesse início de século, e foi pautada pelas seguintes questões: Existe linguagem arquitetônica predominante no mundo globalizado?; Qual é a base que a sustenta?. Para respondê-las, verificou-se a repetição de padrões na contemporânea, bem como distinguiu-se a diversidade dos padrões identificados, a fim de categorizar e caracterizar as linguagens arquitetônicas no século XXI. Foram analisados os portfólios de 37 escritórios de arquitetura com recente expressividade internacional, dos quais filtrou-se a produção compreendida entre 2001 e 2018. Tais projetos foram agrupados por aproximação conceitual e estética e, posteriormente, procedeu-se com a descrição das características comuns a cada grupo.

1. Adrian Smith+Gordon Gill Architecture	20. MVRDV
2. aLL Design	21. Office for Metropolitan Architecture
3. Arata Isozaki & Associates	22. Paul Andreu Architecte
4. Arquitecto Álvaro Siza Vieira	23. Pelli Clarke Pelli Architects
5. Ateliers Jean Nouvel	24. Rafael Vinöly Architects
6. Atelier Chirstian de Portzamparc	25. Renzo Piano Building Workshop
7. Bernard Tschumi Architects	26. Richard Rogers Partnership
8. Bjarke Ingels Group	27. Santiago Calatrava Architects & Engineers
9. Coop Himmelb(l)au	28. Shigeru Ban Architects
10. David Chipperfield Architects	29. Skidmore, Owings & Merrill LLP
11. Diller Scofidio+Renfro	30. Snøhetta
12. Eisenman Architects	31. Studio Fuksas
13. Elemental	32. Studio Libeskind
14. Foster+Partners	33. T.R. Hamzah & Yeang Sdn. Bhd.
15. Frank O. Gehry & Associates	34. Tadao Ando Architects & Associates
16. Herzog & de Meuron	35. Toyo Ito Associates, Architects
17. Kohn Pedersen & Fox	36. WKK Architects
18. Moneo Brock	37. Zaha Hadid Architects
19. Morphosis Architects	

Quadro 1 - escritórios selecionados.
Fonte: elaboração da autora (2025).

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA: CONTEXTUALIZAÇÃO E PROPOSTA

A compreensão da arquitetura contemporânea nesta pesquisa tem origem associada à crise do Movimento Moderno em meados do século XX. As discussões – conforme Frampton (1983), Ghirardo (2009), Jacobs

¹ Este artigo sintetiza parte do trabalho de dissertação desta autora – *Grifes Arquitetônicas no século XXI: profissionais e práticas contemporâneas* – desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN (2017-2019).

(2009)², Kipnis (2013), Koolhaas (2008), Venturi (1995)³, Venturi, Scott Brown e Izenour (2003)⁴, Rossi (2001)⁵, entre outros – centravam-se na crítica às simplificações e ao afastamento entre a arquitetura e seus símbolos, ao passo que evocavam maior valorização da relação pessoa-ambiente a partir de uma produção mais comunicativa com seus usuários, mais interpretativa e menos funcionalista. A arquitetura contemporânea é aqui compreendida como o resultado do esforço reflexivo empreendido pelas correntes pós-modernistas na segunda metade do século XX.

A ação delas prezou pela recuperação do simbolismo perdido com a arquitetura moderna, sem limitar-se ao historicismo. Buscou também uma progressão, especialmente no quesito do alcance cultural, a fim de mostrar-se coerente com a constituição de uma sociedade mais heterogênea, já evidente à época. Para Jencks (2002) a interpretação da arquitetura é um produto entre: (1) os contextos físicos de sua inserção (atributos da construção e sua relação com a vizinhança); e (2) a bagagem sociocultural do observador. Assim, ampliar a capacidade de interlocução da arquitetura demandava dotá-la de mais subjetividade para expandir o leque de significados que ela poderia admitir em uma sociedade plural.

Os exemplos apresentados por Jencks (2002) indicam que a proposição de hibridismos era a principal estratégia pós-moderna para alcançar versatilidade. Assim, denotava-se que empregar símbolos de uma única origem já não satisfazia aos padrões sociais emergentes. Aos poucos assimilava-se que a sociedade sofria uma transição entre o local e o global, caracterizada pelo pluralismo, heterogeneidade e complexidade, até que a sedimentação da nova realidade enfraqueceu ideologicamente os antigos símbolos e a simplificação da linguagem, sob a justificativa de uma latente cultura integrada. Essa conjuntura representou a oportunidade para a ascensão de novos símbolos ao domínio da prática projetual.

No final do século XX assistia-se à exacerbação da cultura do consumo e aos progressos tecnológicos que impactaram no encurtamento das distâncias, relativização das fronteiras, ampliação das escalas e maior conexão entre povos, culturas e mercados (ver Borja e Castells (1996); Borja e Forn (1996); Castells (1999), Compans (1999); Debord (1997); Harvey (1996), Sánchez (1999) e outros). Diante da conjunção de diversidades promovida pela globalização, dificilmente seria possível conceber uma estética universal que representasse igualmente a todos, de modo que Kipnis (2013) defende que a *Nova Arquitetura* deveria zelar por princípios – não regras – de projeto. Esta pesquisa admite que a arquitetura contemporânea se desenvolve sob o domínio de um símbolo enraizado nos bastidores, que lhe confere a possibilidade de adequar-se a diferentes demandas, fazendo-se plural.

[...] o grande alicerce da prática corrente em arquitetura e urbanismo está na *complexidade*, sem que haja um modelo (seja ele estético, formal ou material) minimamente apropriado para resumi-la. O caráter-chave das obras contemporâneas ocasionalmente é colocado de maneira explícita ao espectador por meio das suas volumetrias [...]. Entretanto, bem antes disso, a complexidade se faz presente em questões da ordem da extensão do programa e/ou da escala do projeto, assim como do processo de concepção e dos métodos de execução. (Carvalho, 2019, p. 116)

Este artigo se concentrará em apresentar a variedade estética da produção contemporânea para demonstrar como ela toma partido da *complexidade* para se firmar na condição de tendência universal. Mediante a

² Originalmente publicado em inglês, no ano de 1961, sob o título de *The Death and Life of Great American Cities*.

³ Originalmente publicado em inglês, no ano de 1966, sob o título de *Complexity and Contradiction in Architecture*.

⁴ Originalmente publicado em inglês, no ano de 1972, sob o título de *Learning from Vegas*.

⁵ Originalmente publicado em italiano, no ano de 1966, sob o título de *L'Architettura della Città*.

observação criteriosa dos portfólios dos 37 escritórios que embasam o estudo, desenha-se um cenário composto por 07 tendências principais.

COMPLEXIDADE EM 07 TENDÊNCIAS

A **arquitetura contextual**, norteadada pela promoção de continuidade, consolida-se na aproximação entre o artefato contemporâneo e padrões pré-existentes que se conectam ao projeto. Seus exemplares fazem referência às características mais relevantes do entorno, a antigas configurações violadas ao longo do tempo e/ou à tradição local. É a categoria que mais se confunde com as linguagens pós-modernistas, por apropriar-se de símbolos arquitetônicos e/ou culturais consolidados anteriormente, mas não deve ser tratada como tal, pois possui obras produzidas consistentemente no período contemplado nesta investigação. Nesses edifícios a *complexidade* é integrada, sobretudo, ao programa de necessidades e às tecnologias agregadas ao seu desenvolvimento.

O reforço à ideia de continuidade constitui a linha mestre das descrições dos projetos. Para o *Theodore Roosevelt United States Courthouse* (Figura 1), enfatiza-se a escolha dos materiais das fachadas – calcário, metal e vidro – como recurso de aproximação com a estética das instalações pré-existentes da corte e do entorno. A proposta da casa *New Manor*⁶ considerou a solicitação por um imóvel cujo volume e silhueta seguissem o modelo das casas de campo do século XVII, e incorporassem características marcantes da região. O resultado buscou uma reinterpretação desses símbolos com a incorporação de acabamentos – como pedra, estuque, alvenaria, ardósia e madeira – harmônicos com as casas próximas. No *Library Quarter*⁷ buscou-se a contextualização volumétrica com as casas tradicionais da região e empregou-se os tijolos como referência ao hábito construtivo local. A inovação incide na aplicação do revestimento em todas as superfícies externas.



Figura 1 - *Theodore Roosevelt U.S. Courthouse*
Fonte: Beyond My Ken, 2013. Disponível em:
<https://x.gd/MIUIX>



Figura 2 - *LaValletta City Gate*
Fonte: Frank Vincentz, 2014. Disponível em: <https://x.gd/XFFqQ>

A arquitetura contextual também ocorre na restauração de antigas configurações regionais, como proveu-se à entrada principal da cidade de Valletta (Malta). O projeto (Figura 2) preocupou-se em resgatar a configuração do portão original, que havia sofrido sucessivas ampliações, observando a completa alteração de suas perspectivas. “O primeiro objetivo do projeto era [...] restabelecer a sensação de profundidade e força das muralhas e reforçar a estreiteza da entrada da cidade [...]” (RENZO PIANO BUILDING WORKSHOP,

⁶ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://www.mvrdv.com/projects/127/new-manor>

⁷ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://www.mvrdv.com/projects/112/library-quarter>

2019 – traduzido pela autora) através da retomada das medidas iniciais: o conjunto foi reduzido de aproximadamente 40 para 8 metros de largura.

A continuidade contextual não impede que a contemporaneidade disponha seus programas de necessidades temporalmente coerentes. Para o *Biomedical Sciences Research Building and Orthopaedic Hospital Research Center*⁸, solicitou-se abrigar em torno de 450 cientistas e funcionários, salas de conferência, salas para pesquisadores e biotério, além de áreas de apoio operacional. A solução adota espaços colaborativos em quatro pavimentos, enquanto externamente a edificação se aproxima das pré-existências: “o exterior de tijolo e pedra do edifício é simpático à arquitetura neorromânica tradicional dos prédios mais antigos do campus, mas o arranjo e a proporção dos materiais são contemporâneos” (PELLI CLARKE PELLI ARCHITECTS, 2019 - traduzido pela autora). A produção contextual tampouco é alheia à tecnologia que corrobora com a complexidade. Ela integra a elaboração e produção desses exemplares.

As obras com inspiração na estética modernista são aqui **arquitetura neo-moderna**. Pautar-se na aparência modernista, nesse caso, é prezar pela simplicidade formal: ortogonalidade, geometrias rígidas e minimalismo. Também representa não distinguir estrutura e arquitetura; explorar o conjunto como uma unidade, técnica e esteticamente. Consiste, ainda, em exaltar a pureza dos materiais; deixar que mostrem a verdadeira matriz da edificação. Não significa, conquanto, simplificar o problema. A complexidade neo-moderna revela-se nos programas extensos, usos mistos e flexibilização espacial.

O minimalismo contemporâneo às vezes parece entediar-se em seguir algumas convenções e empreende transgressões sutis para marcar ideias correntes. Na Igreja de Iesu⁹, Rafael Moneo quebra a simetria e a ortogonalidade da planta cruciforme, e justifica que reflete as tensões da contemporaneidade. Na fachada do *MO Modern Art Museum* (Figura 3), ao subtrair uma parcela do cubo branco para estruturar o acesso ao edifício, Daniel Libeskind traça inclinações cuja revelação ocorre à medida em que o espectador percorre seu entorno. É uma pequena amostra do que se encontra no interior do edifício.



Figura 3 – MO Museum

Fonte: Felix Winkelkemper, 2022. Disponível em:
<https://x.gd/1rhnp>



Figura 4 - Cidade das Artes

Fonte: Tomaz Silva/Agência Brasil, 2015. Disponível em:
<https://x.gd/8TaPW>

Na *Solid Cedar House*¹⁰, referencia-se Mies van der Rohe com estruturação físico-espacial semelhante e estrutura em cedro sólido como a própria expressão da arquitetura. Essa simbiose estrutura-arquitetura

⁸ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://pcparch.com/work/ucla-biomedical-sciences-research-building-and-orthopaedic-hospital-research-center>

⁹ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: https://www.archdaily.com.br/br/01-25030/igreja-de-iesu-rafael-moneo?ad_medium=gallery

¹⁰ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://archeyes.com/solid-cedar-house-shigeru-ban/>

reaparece na Cidade das Artes (Figura 4). O concreto aparente em grande parte dos planos expõe a materialidade do edifício e confunde o observador, por não esclarecer se as superfícies verticais têm função portante. A aproximação com a arquitetura moderna também ocorre na elevação do prédio a 10 metros da cota do terreno, ocasionando um espaço de travessia e contemplação dos jardins que remete ao plano do pilotis.

O Museu de Serralves¹¹ manipula a complexidade do programa de necessidades contemporâneo sob o manto de uma estética com inspirações modernistas. O exterior do edifício não revela muito sobre ele. O nivelamento da cobertura sugere um pavimento único, mas no interior os pisos seguem os desníveis do terreno. A noção geral da obra só é alcançada ao percorrer-se seus espaços. Volumes interseccionados, passagens intrigantes e paisagens emolduradas por aberturas envidraçadas revelam-se durante o trajeto pelas dependências da instituição. Trajeto esse, inclusive, que não é pré-determinado, conferindo complexidades potenciais à obra, condicionadas à percepção de cada indivíduo e a como se movimenta entre os espaços.

A astúcia da arquitetura neo-moderna atinge seu ápice no *Steve Jobs Theater* (Figura 5), onde o minimalismo de um cilindro de vidro transparente e uma cobertura metálica “escondem” um auditório flexível para 1000 pessoas. A tarefa foi possível graças à criação de um subsolo onde se desenvolve todo o programa. A porção visível do teatro se resume a um grande saguão; uma estrutura em que não há concreto nem pilares aparentes. A forma cilíndrica, constituída por painéis envidraçados, sustenta a cobertura em fibra de carbono.



Figura 5 - *Steve Jobs Theater*

Fonte: Justin Ormont, 2018. Disponível em: <https://x.gd/T1n4M>



Figura 6 - *30 St Mary Axe*

Fonte: Carlos Delgado, 2011. Disponível em: <https://x.gd/bjNJy>

A **arquitetura de vidro** detém uma estética futurística. Comunica uma linguagem *high-tech* em consonância com as exigências da sociedade globalizada. A narrativa sobre o *30 St Mary Axe* (Figura 6) aborda a transparência como uma qualidade que “abre o edifício para a luz e para as vistas” (FOSTER + PARTNERS, 2019a – traduzido pela autora); na Prefeitura de Londres (Figura 7), acrescenta-se a analogia com a “transparência do processo democrático” (FOSTER + PARTNERS, 2019b – traduzido pela autora); no *Lloyd's Register*¹², explica-se a permeabilidade visual proporcionada pelo vidro como fonte de animação, ao expor o ir e vir das pessoas. Durante o dia, a arquitetura de vidro é uma lente translúcida que viabiliza a

¹¹ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://www.archdaily.com.br/br/874365/museu-de-serralves-de-alvaro-siza-pelas-lentes-de-fernando-guerra>

¹² Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://rshp.com/projects/office/lloyds-register-of-shipping/>

permeabilidade visual. À noite, atua como um marco luminoso na paisagem. Essa menção é feita, por exemplo, a respeito do *Zifeng Tower* (Figura 8) e da cúpula do *Reichstag* (Figura 9).



Figura 7 - Prefeitura de Londres

Fonte: Matthias Kabel, 2009. Disponível em: <https://x.gd/lmP2h>



Figura 8 - Zifeng Tower

Fonte: Haha169, 20017. Disponível em: <https://x.gd/5UKe7>



Figura 9 – Reichstag

Fonte: Avda / avda-foto.de, 2013. Disponível em: <https://x.gd/5GpHq>

A caracterização incide frequentemente em torno da propriedade física do vidro e das cenas que ela proporciona. Seria um enredo monótono, se não fosse pela diversidade viabilizada pelas tecnologias e pelos sistemas de engenharia. A materialização de cada ideia está condicionada à disponibilidade orçamentária. No *Tower Palace III*¹³ há vidros em azul claro com alto desempenho no quesito transmissão de luz. No *Blue Residential Tower* (Figura 10), os painéis da fachada alternam-se entre quatro tonalidades de azul e quatro módulos retangulares, totalizando 16 tipos de peças na composição. O *The Shard* (Figura 11) incorpora um mecanismo de persianas automatizadas para regular a incidência da radiação solar. O *Chemsunny Plaza*¹⁴ inclui o uso de vidros retroiluminados para dinamizar a experiência visual dos usuários. O *Pharmaceutical Corporation Office Building*¹⁵ investe na transparência das vedações, mas concede a alguns ambientes a possibilidade de regular o grau de translucidez ativando uma corrente de baixa voltagem no vidro laminado.

¹³ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: https://smithgill.com/work/tower_palace_iii/

¹⁴ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: https://smithgill.com/work/chemsunny_plaza/

¹⁵ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://vinoly.com/works/pharmaceutical-corporation-building/>

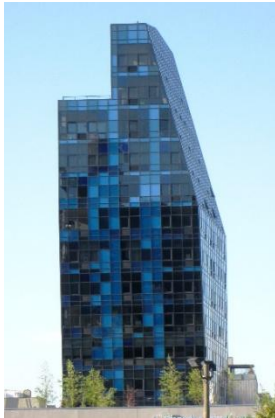


Figura 10 - *Blue Residential Tower*
Fonte: Beyond My Ken, 2013. Disponível em:
<https://x.gd/RG0xf>



Figura 11 - *The Shard*
Fonte: Rafa Esteve, 2013. Disponível em:
<https://x.gd/ym8WA>

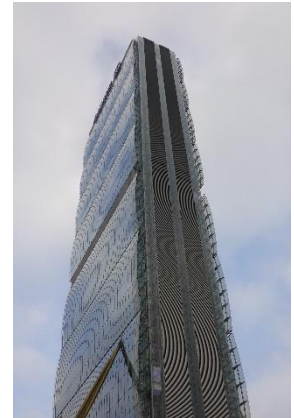


Figura 12 - *Allianz Tower*
Fonte: Guilhem Vellut, 2019.
Disponível em: <https://x.gd/ir74s>

A factível interação entre *softwares* de modelagem, simulação e produção permite a avaliação prévia das ideias. Minimizando prejuízos, libera a ousadia dos projetistas e impulsiona a proposição de soluções fora do lugar comum. O *Allianz Tower* (Figura 12) e o *JTI Headquarters* (Figura 13) empregam o vidro triplo em suas fachadas. O primeiro contém um sistema modular em que cada unidade – conjunto de 06 pavimentos – recebe uma pele envidraçada ligeiramente curvada para o exterior. O segundo tem uma forte motivação no âmbito da sustentabilidade e opera com envoltória dupla, com vidro triplo na superfície interna e uma variação refletiva do material na face externa. Já o *MyZeil Shopping Mall* (Figura 14) incorpora formas sinuosas em vidro.



Figura 13 - *JTI Headquarters*
Fonte: Guilhem Vellut, 2020. Disponível em:
<https://x.gd/mmzfl>



Figura 14 - *MyZeil Shopping Mall*
Fonte: Mariano Mantel, 2013. Disponível em: <https://x.gd/vrsTo>

A **arquitetura disforme** também é considerada futurista e *high-tech*. Esta categoria deriva da recorrência de projetos de volumetrias irregulares, assimétricas ou deformadas. Uma questão central é a inconstância quanto à percepção tridimensional, diferente conforme a posição do observador. Enquadram-se nesta discussão diversos trabalhos do arquiteto Frank Gehry, como o *Walt Disney Concert Hall* (Figura 15), o Hotel Marqués de Riscal (Figura 16) e o *Lou Ruvo Center for Brain Health* (Figura 17), que direcionam uma leitura importante: a consubstanciação desses edifícios requer materiais com boa plasticidade ou boa maleabilidade, admitindo dobraduras e curvaturas.

Além de questões práticas e orçamentárias, a escolha da técnica também interfere no que a arquitetura comunica. Quando o brilho dos acabamentos metalizados dá vida aos prédios contorcidos remete à noção

de alta tecnologia. As chapas metálicas intrigam pela leveza das pequenas espessuras, pela sublimação das formas e pela flexibilidade de suas aplicações. A deformação e a aparência metalizada produzem artefatos expressivos na paisagem urbana, com impacto e personalidade. É o caso da *Emmerson College Los Angeles*¹⁶ com uma estrutura composta por dois volumes regulares e um elemento exótico, que cria o cenário para performances externas, gravações e eventos ligados ao setor cinematográfico. Também do *Shops at Crystals* (Figura 18), revestido em aço inoxidável entre volumes desordenados e interseccionados, acrescidos de uma cobertura espiralada. Entre prédios envidraçados, ele é um animador da cena urbana.



Figura 15 - Walt Disney Concert Hall

Fonte: Visitor7, 2014. Disponível em: <https://x.gd/3UlaN>



Figura 16 - Hotel Marqués de Riscal

Fonte: Roderich Khan, 2019. Disponível em: <https://x.gd/laYok>



Figura 17 - Lou Ruvo Center for Brain Health

Fonte: Reinhard Berlin, 2014. Disponível em: <https://x.gd/PSRJ3>



Figura 18 - Shops at Crystals

Fonte: Tristan Surtel, 2015. Disponível em: <https://x.gd/70BEb>

A falta de simetria e regularidade sugerem uma aleatoriedade casual. Todavia, a descrição do processo criativo indica fortes condicionantes. Ao descrever a Filarmônica de Paris (Figura 19), o *Ateliers Jean Nouvel* se aproveita do tema da harmonia para abordá-lo no contexto urbano e apontar a relação entre a edificação e elementos do entorno: o *Parc de La Villette*, a *Cité de la Musique* e o conjunto do anel viário com os subúrbios. O *Via 57 West* (Figura 20), por sua vez, é descrito como um híbrido entre o bloco perimetral europeu e um arranha-céu de Manhattan, preservando a compacidade e eficiência de um edifício pátio em promover densidade, sentimento de intimidade e segurança, por um lado, leveza e vistas amplas dos edifícios altos, por outro. Portanto, a complexidade da arquitetura disforme está no conjunto da obra, embora seja denunciada pela forma.

¹⁶ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://www.archdaily.com/491193/emerson-college-los-angeles-morphosis-architects>



Figura 19 - Filarmônica de Paris

Fonte: Jean-Pierre Dalbéra, 2017. Disponível em: <https://x.gd/pi6mt>

Figura 20 - Via 57 West

Fonte: HITcards, 2014. Disponível em: <https://x.gd/9h15c>

A **arquitetura orgânica** propõe trazer à disciplina noções, inspirações e réplicas da natureza. Em aparente contramão, suas obras são tão *high-tech* quanto as anteriores. O prisma da complexidade compartilhado entre todos os casos corresponde à transposição do conceito para o projeto. Não existem padrões estéticos que sintetizem esta produção. A maior semelhança – ainda que expressa de maneiras bastante distintas entre as propostas – é a ocorrência das curvaturas. Há também uma diversidade de acabamentos que é relacionada à questão conceitual envolvida no processo de concepção: quando o conceito é posto de maneira literal na edificação, ocorre a aproximação pela textura e/ou cor das superfícies; quando é feita uma analogia interpretativa, no entanto, evoca-se a aparência indiferenciada do metal e do vidro.

A primeira situação pode ser exemplificada pelos projetos da *Flagship Dior* e do *Vanke Pavilion* (Figura 21). A loja, descrita como “[...] um manifesto com suas linhas brancas que ondulam em direção ao céu em uma sutil assimetria, evocação da tela, gênese de todas as peças de alta costura” (ATELIER CHRISTIAN DE PORTZAMPARC, 2019 – traduzido pela autora), representa a maciez do tecido branco de algodão em cascos de fibra de vidro texturizado no padrão da tecelagem. O pavilhão “[...] incorpora três ideias extraídas da cultura chinesa: o *shi-tang*, um tradicional refeitório chinês; a paisagem, o elemento fundamental para a vida; e o dragão, que é metaforicamente relacionado à agricultura e sustento.” (STUDIO LIBESKIND, 2019 – traduzido pela autora). Externamente, a composição de telhas metalizadas sobre uma superfície sinuosa mimetiza a pele do dragão.

Menos literal entre conceito e aparência, o Museu Nacional de Arte de Osaka (Figura 22) impôs o desafio de conceber uma estrutura icônica exclusivamente a partir do *lobby* de entrada – único espaço a ser construído acima da cota do terreno. A saída encontrada foi a proposição de uma grande escultura de aço e vidro, alusiva aos juncos ou troncos de bambu que margeiam os rios locais. O Grande Teatro Nacional de Pequim (Figura 23), imensa cúpula de titânio e vidro que repousa sobre a água, é descrito como uma ilha em meio a um lago. O *Galaxy Soho* (Figura 24) é comparado aos movimentos fluidos. O *Admirant Entrance Building* (Figura 25), por fim, é retratado como uma joia preciosa, objeto amorfo ou orgânico, corpo celeste indefinido e mamífero marinho que sobe à superfície (STUDIO FUKSAS, 2019). Ou seja, na segunda parcela da *arquitetura orgânica* os projetos aceitam múltiplas analogias.

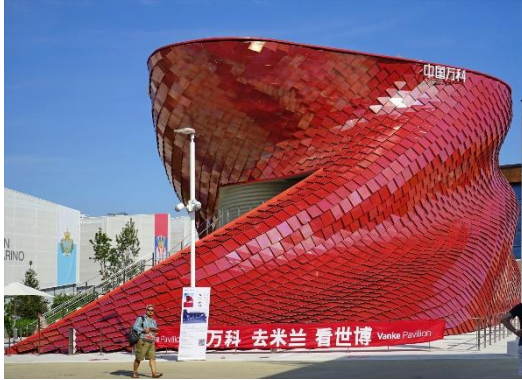


Figura 21 - Vanke Pavilion

Fonte: Jean-Pierra Dalbéra, 2015. Disponível em: <https://x.gd/ALwIH>

Figura 22 - Museu Nacional de Arte de Osaka

Fonte: 663highland, 2007. Disponível em: <https://x.gd/dVIPP>

Figura 23 - Teatro Nacional de Pequim

Fonte: Axel Boldt, 2008. Disponível em: <https://x.gd/YNDz5>

Figura 24 - Galaxy Soho

Fonte: Rob Deutscher, 2013. Disponível em: <https://x.gd/Otkyu>

Figura 25 - Admirant Entrance Building

Fonte: Curt Woyte, 2010. Disponível em: <https://x.gd/DNuWH>

A estética das *peles* – envoltórias desvinculadas do corpo das edificações, mas determinante para suas estéticas – é o que se rotula como **arquitetura embrulhada**. A justificativa preponderante para esses elementos é a proteção solar. O *Bill & Melinda Gates Hall* (Figura 26) acopla às fachadas envidraçadas uma camada adicional de painéis de aço com diferentes angulações, que sombreiam salas de aula e dinamizam a forma. A *Doha High Rise Office Tower* (Figura 27) reveste-se por uma película metálica constituída por uma trama de alumínio alusiva aos muxarabis árabes em quatro escalas. Os diferentes tamanhos da malha são combinados ao longo da fachada, conforme a necessidade de resguardo para cada orientação.



Figura 26 - Bill & Melinda Gates Hall

Fonte: Kenneth Zirkel, 2018. Disponível em: <https://x.gd/WoTWy>

Figura 27 - Doha Tower

Fonte: Isabel Schulz, 2012. Disponível em: <https://x.gd/rtODb>

Essas envoltórias também podem reformular a aparência de um edifício, a exemplo da intervenção no *Petersen Automotive Museum* (Figura 28). Concebido na década de 60, permaneceu quase inalterado até ser completamente reinventado no ano de 2015. Inspirado pela forma de um carro, o design cria um “corpo” em torno do “chassi” existente do museu. Um motor de popa de tela de chuva de alumínio ondulado envolve o edifício, enquanto “fitas” em aço inoxidável e alumínio pintado de vermelho fluem ao redor do prédio. Fixadas ao sistema estrutural existente, as “fitas” de aço evocam uma sensação de velocidade e movimento e são escovadas para evitar a criação de reflexos (KOHN PEDERSEN FOX ASSOCIATES, 2019).

Apesar das discussões sobre a independência estrutural entre as peles e o prédio em si, há casos, como no Estádio Nacional de Pequim (Figura 29), em que possuem função portante. Herzog & de Meuron são taxativos ao descrever a arena multifuncional: “Sua aparência é estrutura pura” (HERZOG & DE MEURON, 2019 – traduzido pela autora). Essa polivalência dos elementos arquitetônicos é pertinente para expressar a adequação entre o prédio e as ideias vigentes. O emaranhado metálico sustenta o estádio, envolve o programa, intermedia a visibilidade interna/externa e cria uma transição entre o público e o privado.

Em relação aos materiais de fabricação, o metal sobressai. Aço e alumínio asseguram o prestígio de protagonistas na arquitetura. Além dos exemplos supracitados, destaca-se a cúpula do Museu do Louvre em Abu Dhabi¹⁷ e o Edifício de Inovação, Ciência e Tecnologia da Politécnica da Flórida (Figura 30). Como alternativas ao metal, encontram-se os invólucros em madeira ou concreto. Para o Museu de Alésia (Figura 31), Bernard Tschumi propõe um envelope em madeira, desenvolvido entre anéis horizontais e linhas diagonais. Shigeru Ban planeja uma tela tecida para emoldurar o Museu de Arte de Aspen (Figura 32), em que as “faixas” são um composto de papel e resina introduzido em uma lâmina dupla face de madeira. O *Atlas Building* (Figura 33) e o *The Broad* (Figura 34) contêm pele de concreto.

¹⁷ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://www.jeannouvel.com/en/projects/louvre-abou-dhabi-3/>



Figura 28 - *Petersen Automotive Museum*

Fonte: Maciek Lulko, 2016. Disponível em: <https://x.gd/Wbo2p>



Figura 29 - *Estádio Nacional de Pequim*

Fonte: Jorge Láscar, 2008. Disponível em: <https://x.gd/5b0no>

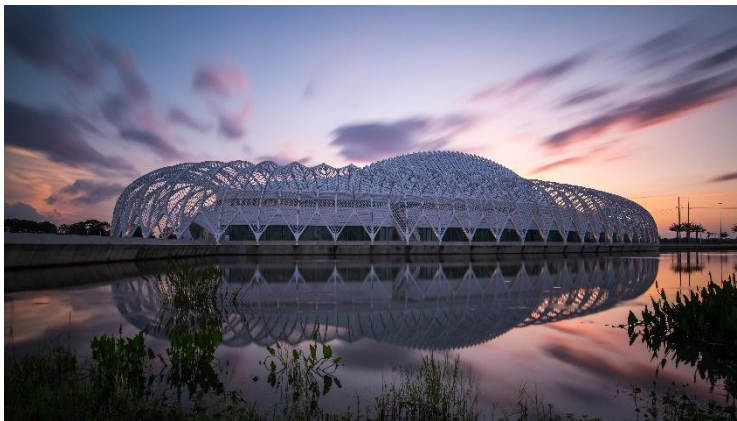


Figura 30 - *ECT da Politécnica da Flórida*

Fonte: Gregory Urbano, 2017. Disponível em: <https://x.gd/zbBN5>



Figura 31 - *Museu de Alésia*

Fonte: Sebastien Pitoizet, 2019. Disponível em: <https://x.gd/ua1Zf>



Figura 32 - *Museu de Arte de Aspen*

Fonte: Jimmy Baikovicius, 2019. Disponível em: <https://x.gd/AiUQ7>



Figura 33 - *Atlas Building*

Fonte: Harry NL, 2012. Disponível em: <https://x.gd/DCDEB>

Figura 34 - *The Broad*Fonte: Maciek Lulko, 2016. Disponível em: <https://x.gd/e1gT3>

A **arquitetura lúdica** representa o ápice da liberdade criativa e compositiva alcançada pela arquitetura do entretenimento: sua verdadeira transposição para a edificação. As obras que lhe caracterizam provocam o imaginário pela referência a jogos e brincadeiras ou pela interatividade entre o usuário e o edifício. A linguagem que distingue as criações de Will Alsop, por exemplo, constitui um vasto repertório para subsidiar esta discussão. A estética pitoresca, rica em cores, formas e informações visuais, cria uma atmosfera incomum na ambiência cotidiana. O *The Sharp* (Figura 35) lembra uma nave espacial que acaba de aterrissar e ganha sentido quando sua função é revelada: uma escola de *design*. O *Chips* (Figura 36) seria “comum”, se não fossem os escritos em suas fachadas, que o aproximam de um letreiro ou *outdoor*. O *Gao Yang*¹⁸ ostenta “casulos” multicoloridos que flutuam sobre os passantes em meio ao contexto do terminal de cruzeiros marítimos.

Figura 35 - *The Sharp*Fonte: Ethan Kan, 2007. Disponível em: <https://x.gd/u0CF1>Figura 36 - *Chips*Fonte: ReptOn1x, 2014. Disponível em: <https://x.gd/hymDI>

O escritório BIG emprega a ludicidade no complexo interativo dos brinquedos LEGO, transpondo os pequenos blocos de plástico para a escala dos edifícios reais. Volumetricamente, constitui-se por prismas sobrepostos que obedecem às proporções originais das peças. Externamente, a aplicação do revestimento branco em padrão intercalado também remete ao modo de montagem do jogo e as coberturas replicam suas cores mais tradicionais, sinalizando os setores da *LEGO House*¹⁹. No topo da edificação, uma peça no padrão 2x4 arremata a construção e seus pinos de encaixe, como claraboias, iluminam o átrio central.

¹⁸ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://all.design/posts/gao-yang?rq=gao%20yang>

¹⁹ Licença de uso de imagens não obtida. Imagens disponíveis em: <https://big.dk/projects/lego-brand-house-2740>

Cada resultado desses expressa um conceito muito forte, talvez mais difícil de traduzir tridimensionalmente do que a própria materialização que a sucede, visto que o detalhamento de projeto e a construção em si são procedimentos técnicos com os quais as empresas de arquitetura lidam cotidianamente. Cada nova ideia, entretanto, requer um trabalho mental específico para expressá-la arquitetonicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As 07 tendências delineadas nesta pesquisa constituem um bom indicativo da diversidade estética arquitetônica providenciada no século XXI. Não configuram um modelo rígido, nem tampouco a única forma de ler a produção em análise, mas têm sua relevância enquanto olhar crítico que se propõe a organizar um conjunto de projetos em torno de um elemento-chave. A descrição das 07 tendências evidencia como a *complexidade* – estabelecida como atributo prescritivo da arquitetura em questão – é incorporada em múltiplas propostas. Ora denunciada pela exuberância formal, ora disfarçada por uma “casca” de aparência “convencional”, sua presença é observada nos seguintes aspectos: (1) conciliação do programa de necessidades; (2) adoção de tecnologias de projeção e produção da arquitetura; (3) conceito da obra; e (4) arranjo volumétrico. Embora não haja uma linguagem única no que diz respeito às características de reconhecimento visual das edificações, a *complexidade* é, sem dúvidas, o elo que as une enquanto exemplares contemporâneos entre si.

Para encerrar, não se pode deixar de mencionar que a sobreposição entre as tendências é um fato. Os híbridos contemporâneos representam a própria *complexidade*, pois traduzem a conjuntura global na qual os arquitetos estudados operam atualmente. Além de conciliarem prática projetual e docência, conceberem toda a sorte de edifícios, atuarem em inúmeros lugares, entre outros aspectos – ver Carvalho (2019) –, condensar recursos estéticos em um único projeto reforça a versatilidade dos produtores e da produção, fortalecendo a resistência em permitir a rotulação precisa da produção contemporânea. Nem os projetos, nem seus arquitetos admitem qualidades restritivas.

REFERÊNCIAS

ATELIER CHRISTIAN DE PORTZAMPARC. *Flagship Dior*. Disponível em: <<http://www.christiandeportzamparc.com/en/projects/flagship-dior-seoul/>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. As cidades como atores políticos. **Novos Estudos Cebrap**, n. 45, 1996, p. 152-166.

BORJA, Jordi; FORN, Manuel de. Política da Europa e dos Estados para as cidades. **Espaço & Debates**, ano XVI, n. 39, 1996. p. 32-47.

CARVALHO, Lorena Petrovich Pereira de. **Arquitetura de grife**. Profissionais e práticas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 206 p. 2019.

CASTELLS, Manuel. O espaço de fluxos. In: _____. **A sociedade em rede**. Volume I. 8ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 467-522.

COMPANS, R. O paradigma das *global cities* nas estratégias de desenvolvimento local. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Campinas, n. 1, 1999, p. 91-114.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

FOSTER + PARTNERS. **30 St Mary Axe**. Disponível em: < <https://www.fosterandpartners.com/projects/30-st-mary-axe/>>. Acesso em: 21 fev. 2019a.

FOSTER + PARTNERS. **City Hall**. Disponível em: < <https://www.fosterandpartners.com/projects/city-hall/>>. Acesso em: 21 fev. 2019b.

FRAMPTON, Kenneth. *Toward a critical regionalism. Six points for an architecture of resistance*. In: FOSTER, Hal (ed). **The anti aesthetic: essays on postmodern culture**. Washington: Bay Press, 1983. Pp. 16-30.

GHIRARDO, Diane Y. **Arquitetura contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Espaço & Debates**, ano XVI, n. 39, 1996. p. 121-145.

HERZOG & DE MEURON. **National Stadium**. Disponível em: <<https://www.herzogdemeuron.com/index/projects/complete-works/226-250/226-national-stadium.html>>. Acesso em: 22 fev. 2019

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

JENCKS, Charles. **The new paradigm in architecture: the language o Post-Modernism**. Londres, Yale University Press, 2002.

KOHN PEDERSEN FOX ASSOCIATES. **Petersen Automotive Museum**. Disponível em: <<https://www.kpf.com/projects/petersen-automotive-museum>>. Acesso em: 22 fev. 2019

KOOLHAAS, Rem. **Nova York delirante**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 365 p.

PELLI CLARKE PELLI ARCHITECTS. **Biomedical Sciences Research Building and Orthopaedic Hospital Research Center**. Disponível em: <<http://pcparch.com/project/biomedical-sciences-research-building-and-orthopaedic-hospital-research-center-ucla>>. Acesso em: 24 fev. 2019a.

RENZO PIANO BUILDING WORKSHOP. **La Valletta City Gate**. Disponível em: <<http://www.rpbw.com/project/la-valletta-city-gate>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

SÁNCHEZ, F. Políticas urbanas em renovação: uma leitura crítica dos modelos emergentes. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Campinas, n. 1, 1999. p. 115-132.

STUDIO FUKSAS. **Admirant Entrance Building**. Disponível em: <<http://fukas.com/?p=896>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

STUDIO LIBESKIND. **Vanke Pavilion**. Disponível em: <<https://libeskind.com/work/vanke-pavilion/>>. Acesso em: 22 fev. 2019b.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1995.

VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. **Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo esquecido da forma arquitetônica**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.